

O Espírito Santo que nos advém de Jesus Ressuscitado dispensa «graças especiais entre os fiéis de todas as classes, com as quais os tornam aptos e dispostos a assumir diversas tarefas e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja» (LG, 12).

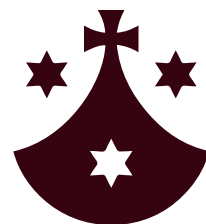
Papa Leão XIV, Audiência geral, 18 de março de 2026



# Boletim de Espiritualidade

1 ABRIL 2026  
Ano XIII Nº 142

142



## Agenda abril 2026

- 1 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Cântico Espiritual* – P. Nuno Pereira
- 1 a 5 **Aveissadas** – Páscoa com o Carmelo
- 9 **Aveiro** (Centro Universitário) – ciclo dedicado à Ecologia Integral: *biodiversidade*
- 9 a 16 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 10 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 10 a 12 **Colares** (Jesuítas) – NATES – Natureza e Espiritualidade
- 10 a 12 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais para pais e filhos
- 10 a 12 **Ávila** (CITeS) – Noite escura: Curso superior em São João da Cruz – Miguel Fermín de Haro
- 10 a 12 **Ávila** (CITeS) – Edith Stein: *Temas e textos sobre espiritualidade*
- 13 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Ministério de Jesus em Jerusalém* – Fr. Carlos Eduardo
- 15 a 17 **Colares** (Jesuítas) – Retiro Teilhard de Chardin
- 16 a 19 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 17 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 17 **Fátima** (Santuário) – V Jornadas de Comunicação: *A comunicação como instrumento para a paz*
- 17 a 19 **Fátima** (Domus Carmeli) – 4.º Módulo do Curso de Mariologia
- 17 a 19 **Ávila** (CITeS) – Mística e discernimento andam juntos. Teresa de Jesus e Inácio de Loyola sabiam disso muito bem
- 18 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 18 **Braga** (Congregados) – Catequeses sobre São Francisco de Assis : *A liberdade de nada possuir*
- 18 **Funchal** (Carmo) – Encontro orante com S. João da Cruz: oração
- 18 e 19 **Colares** (Jesuítas) – Relógio da família II
- 20 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios espirituais
- 23 **Aveiro** (ACEGE) –Tertúlia: *Desafios contemporâneos e cristianismo*
- 24 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 24 a 26 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro Nacional do Carmelo Secular
- 24 a 26 **Ávila** (CITeS) – Dante, poeta do além: a construção simbólica do Paraíso – Ángel Garcia Galiano
- 25 e 26 **Ávila** (CITeS) – Verdade, bondade, beleza. A interseção entre mística, ética e estética – Arash Arjomandi (Dir.)
- 26 **Aveissadas** – Domingo das bênçãos
- 30 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios Espirituais

## Agenda maio 2026

- 1 **Ávila** (CITeS) – *Online*: Teresa de Jesus e Maria Madalena de Pazzi. Duas místicas de alma mariana – Miguel Norbert Ubarri (Dir.)
- 4 **Online** (Inst. Diocesano) – Formação: *Tornar fácil o difícil: como ler e interpretar a Bíblia, sem tabus*
- 5 **Angra** (Escola bíblica) – Formação: *Leitura do Livro Atos dos Apóstolos*
- 6 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Chama de Amor Viva* – Fr. Carlos Eduardo
- 7 **Aveiro** (Centro Universitário) – ciclo dedicado à Ecologia Integral: *água*
- 8 **Seia** – Jornadas do Conhecimento – D. Américo Aguiar
- 8 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 9 **Lisboa** (C. R. Portela) – Simpósio no centenário do nascimento do padre Manuel Luís
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – Jornada de espiritualidade: *“Maria na vida da Ir. Lúcia”* – P. Nuno Pereira
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – *A Paixão e Morte de Jesus* – P. Marco Caldas
- 15 **Coimbra** (SDPC) – Passaporte Cultural e Espiritual: *As Redes e (os) Nós*
- 15 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 15 **Vila Nova de Tazém** – Jornadas do Conhecimento – João César das Neves
- 15 a 17 **Fátima** (Domus Carmeli) – 5.º Módulo do Curso de Mariologia
- 15 a 17 **Colares** (Jesuítas) – Retiro Teilhard de Chardin
- 16 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 19 **Agrupamento de Escolas de Seia** – Jornadas do Conhecimento – Ana Patrícia Fonseca
- 22 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 23 **Braga** (Carmo) – Jornadas com Deus no Pentecostes
- 23 **Braga** (Congregados) – Catequeses sobre São Francisco de Assis : *A liberdade de nada possuir*
- 24 **Aveissadas** – Domingo das bênçãos
- 28 a 31 **Colares** (Jesuítas) – Exercícios Espirituais
- 29 **Angra** (Escola bíblica) – Formação: *Leitura do Livro Atos dos Apóstolos*
- 29 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 29 a 31 **Fátima** (Domus Carmeli) – Mística e Místicos: 5.º Módulo – Santa Teresa de Ávila
- 30 **Covilhã** – Jornadas do Conhecimento – Eduardo Duque



## Contemplação, é precisa

Armindo Vaz, OCD

Recentemente foi dito e confirmado com inquéritos que Deus no mundo ocidental é como «um estranho em nossa casa» (escreveu o monge antropólogo LI. DUCH, *Un extraño en nuestra casa* [Herder 2007]). Os que assim sentem vivem bem sem Deus: não lhes faz falta. Se os incomoda, que razões estruturais há para a ausência do Deus transcendente na sociedade? Os filósofos e sociólogos da religião apontam como principal razão a do declínio da atenção. Que querem dizer? - «A atenção é alavanca da alma»: fá-la subir a uma esfera superior do nosso ser; «a atenção, no seu mais alto grau, é oração» - dizia Simone Weil, a filósofa que viveu judia no limiar da fé cristã (citada em Byung-Chul HAN, *Conversas sobre Deus* [Relógio D'Água; Lisboa 2025] 84 e 24 e 11). E concluem que a crise da religião cristã também é em boa medida uma crise da atenção e da contemplação, complementares.

Quando dizemos *contemplação*, mergulhamos na vida dos místicos cristãos e pensamos nos inumeráveis contemplativos que deram espessura à espiritualidade da Bíblia com a sua experiência de Deus. Pensamos em Maria, mãe de Jesus, que «guardava todos estas palavras [com Jesus e na sua vida], ponderando-as no seu coração», relacionando-as e meditando a presença de Deus na história do seu povo, ligando a terra com o céu (Lc 2,19.51). E pensamos em Maria, irmã de Marta, que, «sentada aos pés do Senhor, escutava a sua palavra» com atenção (Lc 10,39). O contemplativo escuta e espera, dá-se tempo para compreender os acontecimentos.

É esse pendor contemplativo que - dizem - está hoje esmorecido. A crise religiosa não se deve simplesmente à falta de fé em Deus ou ao facto de certas expressões de fé (inferno, diabo, pecado original...) suscitarem desconfiança. Nem é Deus que está morto, como gritou o filósofo F. Nietzsche dando voz a um louco (aforismo 125 de *A gaia ciência*). Está amortecida a capacidade de contemplar o Deus vivo em Jesus.

Ora, são precisamente os filósofos, além dos teólogos, a recomendar que nos aproximemos da vida de forma contemplativa, adoptando a atitude que monges e eremitas cristãos cultivaram desde o séc. III. A atenção contemplativa pode restabelecer a aliança entre o espírito e o mundo, às vezes destruída. Com efeito, na opinião do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, convertido ao catolicismo, «os três monstros da civilização actual são o capital, a digitalização e a IA. Rebaixam o ser humano, reduzindo o espírito a escravo da eficiência... Obscenias são a hiperactividade, a hiperprodução, a hipercomunicação e a hiperaceleração, que são desprovidas de qualquer direcção, ou seja, de qualquer sentido» (*Conversas sobre Deus*, p. 82). Estas formas de viver, espaçadas pela redundância da pressa (na qual tudo se tornou de curto prazo, de respiração curta e de vistas curtas), embotam a atenção que poderia tocar o mistério de Deus. Tornam-na superficial, tiram-lhe verticalidade, elevação, profundidade. A alma perde-se no fluxo acelerado de informação e comunicação e perde a relação contemplativa com o mundo. O que conta hoje é o sucesso e o lucro rápidos; todas as necessidades têm de ser satisfeitas imediatamente. «A aceleração monstruosa da vida habitua o espírito e o olhar a uma visão e a



Lago Atitlán  
Christopher Garcia  
unsplash.com

um julgamento parciais ou falsos» - dizia F. Nietzsche em 1878 (em *Humano, demasiado humano*: citado por Byung-Chul HAN, *Vita contemplativa* [Relógio D'Água; Lisboa 2023] 26). «É precisamente devido à falta de atenção que o mundo de hoje é tão pobre em pensadores e poetas» (B.-Ch. HAN, *Conversas sobre Deus*, p. 25). F. Nietzsche, que morreu em 1900, também pensava que o facto de o seu tempo ser pobre em cultores do espírito se devia à perda da vida contemplativa, atribuindo-lhe a crise da modernidade.

De facto, «não vivemos somente em crise económica... Em sentido estrito, o que experimentamos na Europa é uma crise do espírito... [em 2012] Desde há dez ou vinte anos, quase nada acontece em literatura. Deparamos com um dilúvio de publicações e, todavia, nota-se um estancamento do espírito. A causa é uma crise da comunicação. Os novos meios de comunicação são admiráveis, mas produzem um ruído aterrador» (Byung-Chul HAN, *A agonia de Eros* [Relógio D'Água; Lisboa 2014] p. 56, e B.-Ch. HAN, *Vita contemplativa*, p. 28). Aturdidos com o delírio de informação pululante e atordoados com a embriaguez da comunicação, descaramos a contemplação. No digital, o ser humano encontra-se a si mesmo e não encontra os outros. A digitalização é uma anestesia. As ferramentas digitais são um meio precioso para compreendermos o mundo e a nós próprios, mas exigem discernimento corajoso, que vários países já fazem proibindo às crianças a entrada de telemóveis nas escolas.

Todos os procuradores de Deus o sabem, não só os monges e frades ao recomendarem o silêncio interior e exterior. O ruído das máquinas, dos motores e das frenéticas redes sociais, com todos os benefícios que têm, é intrusivo e invasivo: ataca a alma, mata o silêncio propício à vida do espírito e priva de atenção contemplativa. Como dizia F. Nietzsche, «o ruído mata os pensamentos» (*Assim falava Zaratustra* [Presença; Oeiras 2010] 270). Com a massa de informações ficamos inteirados do que passa, mas desorientados, porque a *ciência Google* é aditiva, soma de dados: não é ainda conhecimento, verdade, saber. Os dados e as informações não têm força e alma; e, só por si, são desprovidas de consequências, porque são fragmentos. A vida curta da informação fragmenta o tempo e fragmenta a nossa atenção, que não consegue fixar-se e demorar-se no que muda constantemente. Necessário é fazer a interpretação dos dados, que liga as coisas e dá sentido à informação, dá conhecimento inovador e dá sentido, orientação e mais consciência à vida. Enquanto a informação perde rapidamente o seu encanto e desvanece na chegada da nova informação, a atenção contemplativa interpreta e centra-se no que perdura. Desperta o desejo do *novo*, tornando-se o limiar do invisível e do inaudito: «Não fixamos os olhos nas

coisas visíveis, mas nas invisíveis, pois as coisas visíveis são passageiras, mas as invisíveis são eternas» (2Cor 4,18; 5,7). A atenção contemplativa não é fraqueza. É vida com esplendor, empresta intensidade à vida. É olhar profundo para o lado bom e bonito das coisas. Não é adorno da vida: é o seu melhor. Introduce-nos no mistério da vida, aproximando-nos do divino. Quem sabe se foi um pouco por isto que o crítico do cristianismo F. Nietzsche pedia que entre os melhoramentos a introduzir na vida da humanidade constasse «fortalecer em grande medida o elemento contemplativo» (em *Humano, demasiado humano*, citado por B.-Ch. HAN, *Vita contemplativa*, p. 27).

O elogio da contemplação não quer escamotear a necessidade e a virtude do trabalho. Alerta para o facto de que uma vida fixada no trabalho, na produção, no consumo, no desempenho e na eficiência gera um vazio de sentido, retira a sacralidade à vida e profana a actividade humana.

Contemplação, precisa-se, muito particularmente para nos deixarmos envolver pelo sumo mistério da fé cristã, a ressurreição de Jesus, que se pode contemplar mas não filmar: só a contemplação entra nessa super-realidade que tocou por dentro a vida de seguidores e perseguidores de Jesus.

## Ano Jubilar de São João da Cruz

Armindo Vaz, OCD

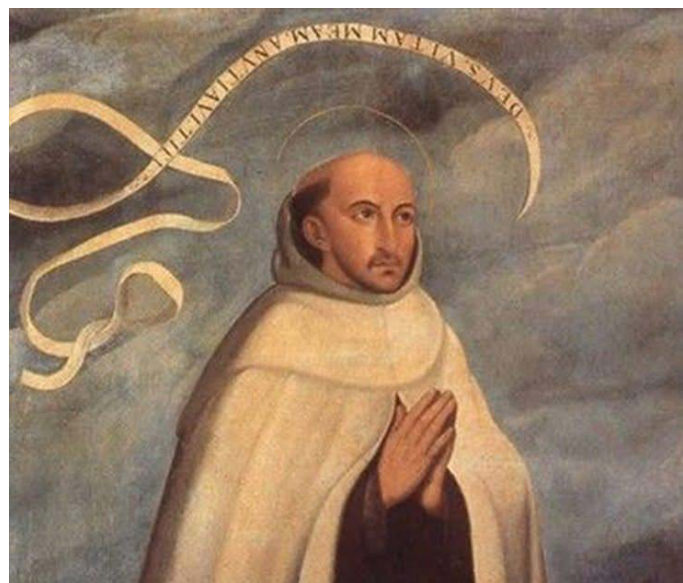
### O Cântico dos Cânticos e o *Cântico Espiritual*

Para o carmelita João da Cruz, a Bíblia era frequentemente a base da sua escrita. Se esta sofreu reconhecidamente influências da cultura espanhola, a mais perceptível é a influência bíblica. E, de toda a Bíblia, o livro que mais fez vibrar a veia poética e mística de João da Cruz foi o Cântico dos Cânticos, o seu favorito. Mesmo momentos antes de morrer, interrompendo os salmos das preces dos agonizantes que ele recitava alternando com os seus irmãos de hábito, para aliviar a sua agonia pediu ao prior que lhe lesse frases do livro da sua vida, o Cântico dos Cânticos: “Padre, leia-me do Cântico dos Cânticos, que isso [a encomendação da alma] não é preciso”. À sua leitura, moribundo comentou: “Oh, que pérolas preciosas!” (testemunho em CRISÓGONO DE JESÚS, *Vida de S. João da Cruz* [Edições Carmelo; Oeiras 1986] 476). Esse livro bíblico exerceu influência em todos os seus escritos. Mas inspirou directamente uma obra inteira do carmelita, o *Cântico Espiritual*, que está impregnado de citações, do sentido do amor, da riqueza humana, do espírito, da linguagem do Cântico dos Cânticos. Algumas estrofes do *Cântico Espiritual* são paráfrase ou tradução livre de versículos do Cântico dos Cânticos. A canção 23

Debaixo da macieira  
Ali comigo foste desposada,  
Ali te dei a mão  
E foste reparada  
Onde a tua mãe fora violada

é uma apropriação de Ct 8,5:

Debaixo da macieira eu te despertei;  
ali onde a tua mãe sentiu as dores de parto,  
ali onde sentiu as dores de parto aquela que te deu à luz.



Por todo o escrito do santo afloram inflamadas palavras, perfumadas expressões, coloridas imagens, que procedem do poema bíblico. Como aconteceu esta influência invasiva? Na criação lírica, o poeta carmelita vê-se atraído para a apropriação do texto bíblico por causa da inenunciável inefabilidade da culminante comunhão mística com Deus. Na tentativa de descrever a indizível experiência dessa união, a voz do poeta balbuciava ou emudecia. Então recorria ao texto bíblico para se exprimir: «Para que tudo quanto disser mereça mais fé..., não penso afirmar nada meu. Não me fiarei de experiência pessoal alguma que haja vivido, nem tampouco do que tenha visto noutras pessoas espirituais ou tenha delas ouvido. Ainda que aproveite alguma destas coisas, tudo será confirmado e explicado com citações da Sagrada Escritura, pelo menos naquilo que parecer mais difícil de compreender» (*Cântico Espiritual*, Prólogo, 4).

## Páscoa no Carmelo

Fátima e Avesadas, 1 a 5 de abril de 2026



A Ordem dos Carmelitas Descalços promove, entre os dias 1 e 5 de abril de 2026, a iniciativa “Páscoa com o Carmelo”, a decorrer na casa Domus Carmeli, em Fátima e em Avesadas. A proposta dirige-se a todos aqueles que desejam viver o Tríduo Pascal num ambiente de silêncio, oração e contemplação, proporcionando uma experiência espiritual intensa centrada no mistério da Páscoa cristã. Durante estes dias, os participantes terão oportunidade de integrar um programa que combina momentos litúrgicos próprios da Semana Santa com tempos de meditação orientada pelos frades carmelitas. A iniciativa pretende favorecer o recolhimento interior e uma vivência mais profunda dos acontecimentos centrais da fé cristã. [🔗](#)

## A comunicação como instrumento para a paz

Fátima, 17 de abril de 2026



Num contexto global marcado por conflitos e discursos de ódio, o Santuário de Fátima promove as V Jornadas de Comunicação sob o tema “A comunicação como instrumento para a paz”. A iniciativa propõe refletir sobre o papel da comunicação na promoção da verdade e do diálogo face à desinformação e polarização. O evento reúne profissionais e estudantes para debater responsabilidades éticas, articulando diplomacia e desafios comunicacionais através de conferências, testemunhos e oficinas, com vista à construção de uma cultura de paz. [🔗](#)

## Temas e textos sobre espiritualidade

Ávila, 10 a 12 de abril de 2026



A Universidad de la Mística promove, de 17 a 19 de abril de 2026, o curso “Temas e escritos sobre espiritualidade”. A iniciativa, em formato presencial e online, propõe uma introdução aos principais textos e correntes da espiritualidade cristã, articulando reflexão teórica e experiência interior. O programa destaca a relação entre mística e discernimento, convidando os participantes a aprofundar a compreensão da vida espiritual e dos seus fundamentos. O curso destina-se a todos os interessados em explorar a tradição mística e o seu significado no contexto atual. [🔗](#)

## SÃO JOÃO DA CRUZ

Prospecto Ano Jubilar de São da Cruz



Pequena brochura de vinte páginas, belamente ilustrada, preparada para contextualizar a celebração do Ano Jubilar de São João da Cruz, alma apaixonada por Jesus Cristo. Como todos os grandes santos jamais nosso Pai poupou forças para enamorar outros de Jesus. Santa Teresa que jamais nele «viu uma imperfeição», referia-se a ele como «o Santinho», e dele dizia habitualmente que era «celestial e divino», «embora seja pequeno, é grande aos olhos de Deus». Eis um pequeno texto que ajuda a aproximar da sua alma ardente.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

## cloustro

**São João da Cruz e a noite do mundo contemporâneo.** Nuno Henriques recorda que a “noite escura”, conceito central de São João da Cruz, ajuda a compreender a crise do mundo contemporâneo. Segundo a reflexão, o vazio e a incerteza atuais podem ser não apenas sinais de crise, mas também oportunidade de transformação interior e redescoberta do essencial. [🔗](#)

### Testemunho de São Rafael Arnáiz liga doença e vida espiritual.

José Alexandre Oliveira destaca o testemunho de São Rafael Arnáiz Barón como exemplo de vivência cristã da doença. O texto sublinha que, marcado pela diabetes e por limitações na vida monástica, o jovem santo transformou o sofrimento em caminho de união com Deus, inspirado pela espiritualidade da cruz. [🔗](#)

### São José, pai descalço de palavras.

Ana Paula Capão apresenta São José como “pai descalço de palavras”, sublinhando o seu testemunho marcado pelo silêncio, humildade e ação concreta. A reflexão destaca que, mais do que discursos, São José comunica através da vida, tornando-se modelo de confiança em Deus e de paternidade discreta, mas profundamente presente. O texto convida, assim, a redescobrir o valor do silêncio e da fidelidade quotidiana como caminhos de vivência espiritual no mundo atual. [🔗](#)

# Três perguntas e... mais uma

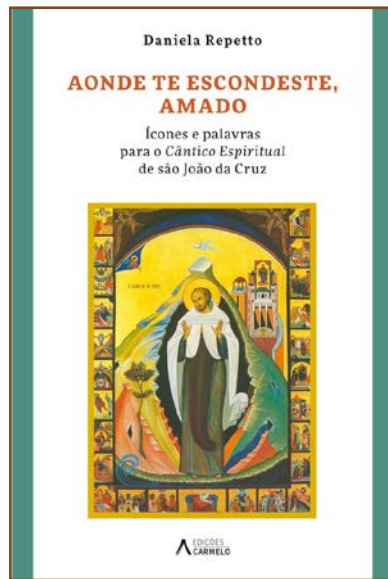
Sobre o livro "Aonde Te escondeste, Amado"

## 1. Como é que este livro, que fala dum ícone, ajuda a rezar?

P. Agostinho Leal (PAL, tradutor) – O livro *Aonde Te escondeste, Amado* – que tem como subtítulo *Ícones e palavras para o Cântico Espiritual de São João da Cruz* –, pretende «ensaiar uma interpretação que sirva de meditação para um posterior encontro contemplativo com o ícone. Pretendemos recuperar a palavra e a mensagem sanjoanina por meio da imagem a fim de despertar nos outros o desejo de embarcar nesta emocionante aventura do amor». O **ícone** é descrito na tradição cristã como «uma janela para o divino». Os ícones são meios de comunicação que, através da beleza, conduzem à oração contemplativa. Concretamente este ícone, criação das carmelitas descalças de Harissa (Líbano), «revela o objeto e o fim de toda a contemplação. Sem palavras e numa surpreendente sanefa historiada, a imagem narra e evoca o diálogo de amor entre a alma e o seu Senhor». Se o ícone é «uma janela para o divino», **a oração** é uma porta para entrar no coração, no interior e mais profundo da alma. Por isso a oração diante de um ícone, muitas vezes, começa com o silêncio, a imobilidade e o olhar posto na figura representada. No entanto, é preciso ter em conta que este livro e este ícone nasceram da oração e da contemplação e só pretendem o mesmo: «motivar espaços de oração, ajudar a entrar, através da imagem e da palavra de São João da Cruz, na contemplação do Mistério de Deus a quem ele nos remete e ao qual nos conduz o itinerário místico do *Cântico Espiritual*»

## 2. Contemplar o ícone é já rezar. Ora, se é, porque precisamos das palavras deste livro?

PAL – Respondendo muito diretamente à pergunta colocada diria: nós precisamos das palavras deste livro porque elas «nasceram da oração e da contemplação». Estas palavras não são “parole, parole” ou retórica do mundo, mas produto crente do olhar, do silêncio e do coração; são palavras «banhadas em doçura e amor». No Prólogo dos *Ditos de Luz e Amor*, São João da Cruz escreve: «Arrede-se, pois, a retórica do mundo! Fiquem longe as palavras vãs e a eloquência



AONDE TE ESCONDESTES, AMADO

(Edições Carmelo)

PVP 15,00€



Autor: Daniela Repetto

Tradutor: Agostinho Leal, ocd

árida da sabedoria humana, débil e engenhosa, das quais nunca gostais. Pelo contrário, falemos ao coração palavras banhadas em doçura e amor, que Vós muito gostais». Estas palavras, porém, têm como finalidade o calar, o silêncio, a contemplação ou “atenção amorosa”, de onde nasceram. Os ícones só podem ser lidos em silêncio, num verdadeiro estado de contemplação. Na verdade, o silêncio favorece o estado contemplativo e o som do silêncio empresta a voz de Deus para falar ao orante. Este livro aborda as canções do *Cântico Espiritual* de São João da Cruz «que falam do exercício de amor entre a alma e o seu Esposo Cristo», por isso, as palavras deste livro são também «palavras da alma que contêm a mesma riqueza e força do amor que a ensina e

move». Na *Carta às Carmelitas Descalças de Beas*, de 22 de novembro de 1587, João da Cruz escreve: «A maior necessidade que temos diante deste grande Deus é de guardar silêncio no espírito e na língua, pois a linguagem que Ele ouve é só a do calado amor». No entanto, foram as palavras daquela carta que nos disseram esta verdade tão entranhável e profunda.

## 3. Podemos contemplar este ícone se Deus não nos ilumina (Cf. Chama 4, 9)?

PAL – Vale a pena transcrever a oração de *Chama de Amor Viva* 4,9: «Acordamos e ilumina-nos Tu, meu Senhor, para que possamos conhecer e amar os bens que sempre nos dais, e assim saberemos que Te moveste para nos conceder mercês e Te lembraste de nós!». Sem a luz de Deus, de facto, não podemos contemplar este ícone, não poderemos «conhecer e amar». A contemplação é o coração da teologia mística, «na qual se sabe por amor». Na contemplação «a alma só há de prestar atenção amorosa a Deus... sem qualquer diligência sua, em atenção amorosa simples e pura, como quem abre os olhos com atenção amorosa». Ao contemplar o ícone, do qual se ocupa o livro *Aonde Te escondeste, Amado*, há um cruzamento de olhares: o olhar do homem para Deus [a contemplação] e o olhar de Deus para o homem [a união]. E, como se sabe, «o olhar de Deus é amar» (C 31,8).

## E... 4. O ícone que ali se desvela tem 25 pequenos ícones e muitos mais símbolos; e, ao centro, uma imagem de São João da Cruz: porque é que o Santo surge tão grande em sua imagem?

PAL – Tenho a firme certeza que só me resta um “chumbo” perante as perguntas que o Frei João Costa me faz! Uma resposta hilariante: Segundo informações colhidas, o João da Cruz media 160cm de altura, e o ícone, feito pelas carmelitas descalças de Harissa, mede 155cm. Já agora, os pequenos ícones que rodeiam a imagem do Santo são de 14,5 cm x 10,5 cm. Mas os santos não se medem por centímetros, nem os homens aos palmos. Então, um grande místico, um grande doutor, um grande poeta, um grande santo, um grande escritor, um grande teólogo, não haveria de ser grande?

# MÍSTICA E MÍSTICOS

## S. TERESA DE ÁVILA



**MÓDULO 5**

**29 a 31 Maio 2026**

**AULAS | WORKSHOP | ORAÇÃO**

Informações | Inscrições

[www.mistica.carmelitas.pt](http://www.mistica.carmelitas.pt)



ORDEM DOS  
CARMELITAS  
DESCALÇOS

## Carmelitas promovem formação sobre mística de Santa Teresa de Ávila

Fátima, 29 a 31 de maio de 2026

A Ordem dos Carmelitas Descalços está a dinamizar a iniciativa formativa “Mística e Místicos”, centrada na espiritualidade de Santa Teresa de Ávila, figura central da tradição carmelita e da teologia espiritual cristã.

A atividade propõe um percurso de aprofundamento da experiência mística cristã a partir da vida, escritos e ensinamentos da santa, reconhecida como Doutora da Igreja e uma das maiores referências na oração contemplativa. Santa Teresa de Ávila destacou-se pela descrição do caminho interior da alma até à união com Deus, estruturado em etapas de crescimento espiritual e oração .

A formação inclui sessões de reflexão, ensino e oração, proporcionando aos participantes uma compreensão mais profunda da mística teresiana, marcada pela interioridade, pela experiência pessoal de Deus e pela reforma da vida carmelita no século XVI. [🔗](#)



## «Tu és preciosa aos meus olhos e eu amo-te»

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: pixabay.com

«E agora, eis o que diz o SENHOR,  
o que te criou,  
o que te formou:

«Nada temas, porque Eu te resgatei,  
e te chamei pelo teu nome; tu és meu.

<sup>2</sup>Se tiveres de atravessar as águas, estarei contigo,  
e os rios não te submergirão.

Se caminhares pelo fogo, não te queimarás,  
e as chamas não te consumirão.

<sup>3</sup>\*Porque Eu, o SENHOR, sou o teu Deus;  
Eu, o Santo de Israel, sou o teu salvador.

<sup>4</sup>Visto que és precioso aos meus olhos,  
que te estimo e te amo,  
coloco pessoas no teu caminho para te ajudar.

<sup>5</sup>Não tenhas medo, que Eu estou contigo.».

Querida Alice

Quero rezar contigo esta palavra de Deus, em que tão belamente Isaías descreve o amor e a ternura de Deus para com cada pessoa que tem fé. Hoje, queria pedir-te que sentisses que Deus ta quer dizer diretamente a ti. Hoje Deus quer falar ao teu coração, dizer-te o quanto te ama e como está sempre ao teu lado, enchendo o teu coração com o seu amor e a sua força.

Deus olha para ti e vê o teu coração angustiado pelas dificuldades da vida, pela incompreensão de alguns familiares, por não teres conseguido amar o teu pai como gostarias, por te sentires incapaz de amar com um amor forte. Deus conhece as dores do teu coração, conhece quando te sentas e te levantas, todos os teus passos são-Lhe familiares e diante de todos os medos e tristezas, angustias e inseguranças que o teu coração possa sentir Ele, que te criou, que te formou no ventre materno, que sempre

cuidou de ti e tal como foi Pai de Jesus é também teu pai diz-te:

«Nada temas, porque Eu te resgatei,  
e te chamei pelo teu nome; tu és minha.»

Ele quer dizer-te o meu amor é mais forte do que a tua angústia, a tua incapacidade, a tua desilusão, a tua impotência. O meu amor liberta-te e dá-te um coração novo. O meu amor enche-te de alegria, porque Eu estou sempre ao teu lado. Ainda que te pareça que em algum momento te deixei sozinha, não é verdade porque tu és minha, fui Eu que dei a vida e te chamei pelo teu nome para seres feliz. Confia em mim, deixa-me estar sempre ao teu lado, conta-me aquilo que te dá tristeza. Se tu me abrires o teu coração e me confiases as tua dores Eu vou poder derramar sobre ti e as feridas do teu coração o balsamo do amor e vou-te resgatar de tudo o impede o teu coração de ser livre.

Escuta e reza o que hoje, Deus diz ao teu coração: Nada temas, tem confiança, eu liberto-te de todos os teus temores, porque chamei pelo teu nome e reservei graça para ti, tu és minha.

Deixa que estas palavras penetrem fundo no teu coração, tal como a chuva que empapa a terra com a sua água. Deixa que elas serenem o teu coração e o encham de paz.

Mas Deus quer continuar a falar-te e vai dizer:

«Se tiveres de atravessar as águas, estarei contigo,  
e os rios não te submergirão.  
Se caminhares pelo fogo, não te queimarás,  
e as chamas não te consumirão.»

Quer dizer as dificuldades da vida, os obstáculos do caminho, as provações, os desgostos e desilusões, as doenças, nada te pode separar do amor de Cristo Crucificado. O Amor da Cruz é para te dizer que para mim, que sou Deus e sou teu Pai, para mim tu és mais importante que tudo e ainda que as coisas aconteçam no teu caminho e te sintas magoada e sintas a tua família ferida, Eu cuido de vocês como a menina dos meus olhos, Eu não deixarei que ninguém vos tire o meu amor, vos tire a minha força, vos tire a ajuda da minha graça. «Ainda que todos vos abandonem, Eu nunca vos abandonarei porque Eu tenho-vos gravado na palma da minha mão, Eu cuido de vós com o meu amor criador. Nada vos acontecerá sem que Eu conheça.

Querida Alice Eu estou contigo!  
Porque Eu, o SENHOR, sou o teu Deus;  
Eu, o Santo de Israel, sou o teu salvador.

O nosso Deus Amor é aquele que quer fazer o teu coração feliz, que te quer salvar e fazer participar no seu plano de vida, na felicidade da união com Ele. Este é o desejo de Deus para ti.

«Visto que és precioso aos meus olhos,  
que te estimo e te amo,  
coloco pessoas no teu caminho para te ajudar.  
«Não tenhas medo, que Eu estou contigo.»

Tu és preciosa para Deus. Ele olha-te com ternura, com paz e com a certeza de que o teu coração foi feito para amar com um amor grande, um amor capaz de gerar vida. Deus sabe e conhece o que colocou dentro do teu coração e espera apenas que tu lhe digas o precisas para Ele te ajudar. Ele está contigo e te abençoa a cada instante da tua vida.

O facto do caminho do amor que escolheste percorrer com o teu pai, para o ajudar a encontrar a Deus e a verda-

deira felicidade, não ter seguido adiante e não ter dado os resultados que esperavas, não te pode levar ao desalento e ao desânimo, apenas exige que olhes para a realidade com muita confiança em Deus e descubras que tu sozinha não podes, mas com Deus tu podes tudo.

Tu não pudeste ajudar o teu pai a encontrar o verdadeiro amor, enquanto ele estava junto de ti, mas agora podes. Agora podes pedir a Deus por ele, podes pedir que Deus o envolva no Seu Amor, o liberte de todos os seus pecados e o faça gozar da luz e da paz. Tu podes pedir agora para ele uma vida de verdadeira comunhão com Deus e isto faz de ti um canal do amor reconciliador de Deus, podes pedir na tua oração, na eucaristia, diante do sacrário. Tu podes pedir a Jesus que lhe dê a Sua paz e o Seu Amor e isto vai libertar-te do sentimento de não o teres amado e ajudado até ao fim, porque o fim não existe. Em Deus o fim é sempre princípio de algo novo.

O Senhor está contigo para fazer o teu coração semelhante ao Dele e dar-te uma capacidade de amar grande como a Dele. Nós aumentamos a capacidade de amar do nosso coração quando perdoamos e amamos os outros. Quando perdoamos e amamos no nosso coração, mesmo sem os que nos magoam saberem, estamos a dar o amor de Deus e estamos a abrir-nos a Deus para receber. Este amor que sai e entra é balsamo que dá vida ao nosso coração e nos faz experimentar o amor de Deus.

Deus quer fazer-te experimentar o seu Amor. Se abrires o teu coração e se contares a Deus tudo o que vai no teu interior, se lhe falares do teu pai, das tuas primas e das pessoas que mais te magoaram a ti e à tua família, Ele vai-te ajudar a abrires-te a um amor maior e a fazeres da tua vida um lugar de paz e alegria, porque a tua esperança está posta n'Ele.

Lembra-te sempre que: Tu és preciosa aos olhos de Deus, Ele ama-te e está sempre a teu lado.

Deus teu pai que com muito carinho te abraça.



# ESCUELA AcEs

## ACOMPANIAMIENTO ESPIRITUAL MISTAGÓGICO

Diploma Curso Superior  
Título Propio Universidad Católica de Ávila

Diploma en competencias educativas para la vida,  
CITeS "Universidad de la Mística"

Diploma en Coaching Cognitivo avalado por el  
Cognitive Coaching Center (Estados Unidos)

### 29 de junio al 16 julio 2026

# Peregrinação Lisieux... ver PDF

17 a 21 de abril de 2026

Programa de Turismo Religioso e Cultural



Acompanhados pelo  
Sr. Pe. João Rego  
Carmelita Descalço

07/09 a 11/09  
de 2026

## Peregrinação aos Lugares de Santa Teresa de Lisieux

Condições Particulares da Viagem

Contatos para Informações e Inscrições  
Maria do Rosário Borges de Castro: 917 118 041  
Email: rosarinobcastro@gmail.com

GLOBALIS: 213 502 209  
Email: nadia.silva@globalisviagens.com

LUGARES LIMITADOS | Inscrições até dia 15 de Maio de 2026

Preço por Pessoa em Quarto Duplo ou de Casal

Mínimo de 40 participantes inscritos	1 750 €
Mínimo de 35 participantes inscritos	1 820 €
Mínimo de 25 participantes inscritos	1 905 €
Mínimo de 20 participantes inscritos	2 025 €
Mínimo de 15 participantes inscritos	2 205 €

Suplemento para Quarto Individual | 325 €

Sinalização e Pagamento

Até 15 de maio - sinalização de 500€ (quinhentos euros)  
Até 12 de junho - sinalização de 500€ (quinhentos euros)  
Até 31 de julho - pagamento final (restante valor, de acordo com o número mínimo de participantes inscritos e o quarto escolhido)

Inscrição

Preencher o **Boletim de Inscrição** e entregar uma cópia digitalizada do **Cartão de Cidadão**, válido durante todo o período da viagem.

Alteração de Preços

Caso se verifiquem alterações nas **taxas de aeroporto, segurança e combustíveis**, até 20 dias da partida, poderá haver ajuste no preço final.

CONDIÇÕES DE CANCELAMENTO

Até 90 dias antes da partida - Sem custos  
De 90 a 60 dias antes da partida - 20% do custo total  
De 60 a 45 dias antes da partida - 40% do custo total  
De 45 dias até à data da partida - 100% do custo total

Salvaguardam-se as condições cobertas na apólice do seguro. A menos de 90 dias da viagem, não atingindo o número mínimo de participantes inscritos, reserva-se à agência o direito de cancelamento.

Serviços Incluídos

- Transporte em autocarro privado para o aeroporto e vice versa;
- Passagem aérea (vo regular) em classe económica, com direito ao transporte de uma peça de bagagem de bordo por pessoa até 23kg e uma peça de bagagem de cabine por pessoa até 8kg;
- Taxas de aeroporto, segurança e combustível;
- Circuito em autocarro de turismo com ar condicionado;
- Estadia em hotéis de primeira categoria / turística, em quarto selecionado com banho ou duche privado;
- Refeições (menu fixo) de acordo com o presente programa de viagem, incluindo água às refeições;
- Visitas acompanhadas por guia local, conforme o presente programa, a falar português / espanhol mediante disponibilidade;
- Guia acompanhante durante o circuito;
- Seguro de assistência em viagem, com cobertura de cancelamento e interrupção da viagem, cancelamento por circunstâncias inevitáveis e excecionais (as condições da apólice do seguro de viagem, devem ser do conhecimento dos participantes) - SILVER PLUS
- Taxas hotelárias, serviços e IVA;
- Mochila globalis.

Serviços não incluídos

- Bebidas às refeições, refeições especiais e não mencionadas, entres de carácter pessoal, bagageiros, gratificação a guia e motorista e o que não esteja indicado no presente programa de viagem.

F002/C/26032024

Está aberta a oportunidade para participar numa enriquecedora peregrinação de turismo religioso e cultural dedicada à vida e obra de Santa Teresa de Lisieux.

A viagem decorrerá entre os dias 7 e 11 de setembro de 2026, contando com o acompanhamento espiritual de. Fr. João Rego, Carmelita Descalço.

O itinerário de cinco dias percorre locais fundamentais em França, iniciando-se em Paris com visitas à Igreja de Nossa Senhora das Vitórias e à Basílica de Sacré Coeur. O roteiro prossegue por Semallé, visitando a casa da ama de Santa Teresinha, e Alençon, a sua cidade natal, onde se inclui a casa dos seus pais, Luís e Zélia Martin, e a Basílica de Notre-Dame.

A jornada passa ainda por Caen, para homenagear Léonie Martin, e culmina em Lisieux, com visitas a "Les Buissonnets", à Capela do Carmelo e à imponente Basílica de Santa Teresa. As inscrições para esta peregrinação, que tem lugares limitados, devem ser formalizadas até ao dia 15 de maio de 2026. Para informações detalhadas e inscrições, os interessados devem contactar Maria do Rosário Borges de Castro através do número 917 118 041 (*chamada para rede móvel nacional*) ou pelo email [rosarinobcastro@gmail.com](mailto:rosarinobcastro@gmail.com), ou ainda a agência *Globalis* pelo número 213 502 209.

Esta peregrinação oferece uma oportunidade única de mergulhar na história da família Martin, um exemplo raro de santidade no quotidiano, cujos pais, Luís e Zélia, foram os primeiros esposos a serem canonizados juntos.

Ao percorrer os cenários onde Teresinha viveu, desde a sua infância em Alençon até à entrega total no Carmelo de

Lisieux, os participantes poderão compreender melhor a sua "Pequena Via" de confiança e abandono ao amor de Deus. A vivência espiritual será enriquecida pela passagem por locais como a Ponte de São Leonardo, onde os seus pais se conheceram, e a Capela da Visitação em Caen, onde repousa a sua irmã Léonie, atualmente em processo de beatificação. É um convite para renovar a fé através do testemunho desta "maior santa dos tempos modernos", numa jornada que une oração, história e beleza.



# Um caminho de experiência

## I congresso S. JOÃO DA CRUZ

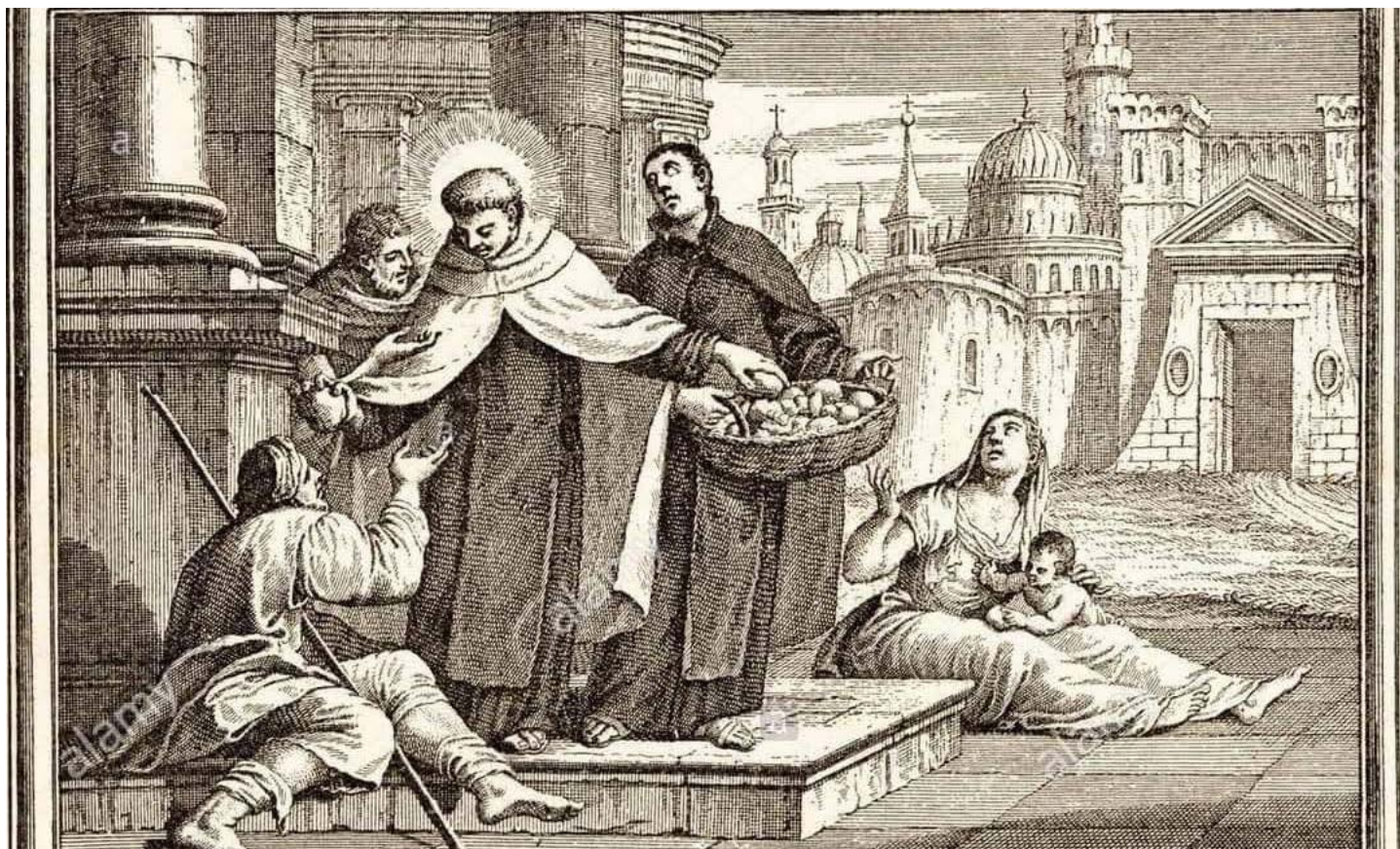
Fátima  
19-21 junho 2026

participação: presencial | on-line

- 1 Que lugares para a experiência de Deus embora seja noite?**  
D. Alexandre Palma, Bispo Auxiliar de Lisboa
- 2 Aventuras de um místico**  
P. Agostinho Leal, OCD
- 3 O Deus que procura o homem**  
P. André Morais, OCD
- 4 O homem que procura a Deus**  
P. Noé Martins, OCD
- 5 Livres para um amor maior**  
P. João Carlos Vieira, OCD
- 6 O encontro: caminho e meta**  
P. João Rego, OCD

# LA CUEVA DE SAN JUAN DE LA † Os Irmãos leigos

Frei João Costa, OCD



Fotografia: ????

1. Quererei falar-vos neste texto dos irmãos leigos da nossa Ordem de carmelitas descalços; daqueles que em alguns Institutos Religiosos são nomeados como *Irmãos Coadjuutores*, ou seja, aqueles que adjuvam, que ajudam. A um ou a outro, prefiro o nosso nome: *irmãos leigos*. Parece-me o nome mais acertado, porque irmãos, simplesmente irmãos, desde o início, somos todos: uns presbíteros, outros sem o serem, por isso se se lhes acresce o adjectivo *leigo* é só para dizer que não têm ordens sacras. No resto participam igualmente na missão da Ordem, não como adjuvantes, mas como intérpretes de primeira linha. Como todos. Com todos.

Naturalmente que o que aqui mais quererei sublinhar é a relação entre eles e o padre João da Cruz, para uns, reformador – ou nem isso, apenas adjuvante de Santa Teresa... – para mim, co-fundador da nossa Descalcez.

2. Entendo dever referir que na nossa Província conheci alguns, dois que, entretanto, se exclaustraram, e parece, já morreram, e dois que nela morreram como carmelitas descalços. E já depois de terem regressado à Província de Navarra conheci o irmão Matias Burguete (bascaíno mais português que muitos portugueses) e o irmão Luis Longo (apelido não familiar, mas assim conhecido por ser muitíssimo alto; também ele basco). Estes dois com quem me cruzei breve e circunstancialmente eram muito amáveis, muito simpáticos, muito alegres, muito carinhosos e acolhedores dos portugueses – creio até que no céu continuarão a preferir a língua portuguesa à vasca.

Saberás, leitor, leitora, que o que frequentemente pensaram os fundadores não é o mesmo que os seus filhos sucessores. Regra geral ninguém os suplanta, pois são os carismáticos; por isso, o mais habitual é que decaia o espírito original. E acerca dos irmãos isso sucedeu, sim. Por isso, mesmo agora que entre nós, portugueses, já não existem irmãos leigos, ainda persiste o preconceito de que eram «o pião de todas as nicas» – a ideia de que o pião roda ou gira movido por braço alheio é o que mais me assusta, ainda que igualmente me assuste aquela outra de insignificância sempre disponível para aguentar todos os sacrifícios. É talvez por essa razão que os irmãos leigos, digo, a sua missão, entre nós terminou.

Em Avesadas, quando aos dez anos ali entrei no Seminário Menor, além dos padres – quase todos professores – conheci três irmãos leigos: O irmão Augusto Faria Ribeiro, o irmão Manuel Camacheiro e o irmão Francisco Grácia. Dos três só o irmão Augusto morreu na Ordem. Talvez não fosse muito idoso, mas era muito anafado. E por esse motivo, julgo, lento, vagaroso e cansado. Deve ter morrido durante as férias grandes, porque no regresso já nós, miúdos, o não vimos por lá. Era homem bom e sabia falar um *português ao contrário* – sentado numa pedra, lembro-me bem, fazia-nos rir falando fluentemente as palavras ao contrário; incluindo os nossos nomes! Era bom. Um dia, depois da viuvez, vendeu tudo o que tinha e entregou-o ao Padre Delegado Provincial e fundador do Santuário do Menino Jesus de Avesadas, frei Isidoro Maguna. Foi ainda em Avesadas que o conheci, portanto, dezasseis anos

após a fundação daquele convento. Agora que penso um pouco, considero que depois de ter governado o que era seu, veio ele para a Ordem a fim de ser governado e gerido como «*um pão das nicas*». Infelizmente. Mas lá tem Deus os seus caminhos...

Ao irmão Manuel e ao irmão Francisco conheci-os também em Avedadas e sei que eram dados às *artes* da decoração e da pintura, mais o segundo, a quem muito estimei, que o primeiro. Não davam aulas; soube que pintavam e também soube que trabalhavam na *laboira*, mas jamais o dia inteiro e, porque recentemente mo testemunhou, sei que o irmão Francisco trabalhara como peão na construção do convento e santuário de Avedadas – como os antigos irmãos leigos!

Ao irmão Domingos Borlido conheci-o em Viana do Castelo, quando ali fui seminarista por quatro anos – a portaria era o seu reino. Depois conheci-o melhor quando para ali fui enviado como prior durante seis anos. Continuava rei, mas agora da sacristia – e aí do sacerdote que usasse casula ou sanguinho que ele não determinasse! Continuava a trabalhar a horta (pequenina) que ele a horas decidia como trabalhar, que semear e quem convocar para dela cuidar e recolher os frutos – era também ali rei. A pedido do Delegado Provincial, P. Vasco Dias Ribeiro, serviu a comunidade e o seminário também como cozinheiro – e cozinhou até ao fim, com bom gosto e aprumo. Cozinhou por tantos anos que ganhou autonomia e, cozinhando, guardou diligentemente a nossa fome de crescer. O fogão era o seu trono e das panelas enormes saía a sua lei – era rei, portanto, também ali. Era tão autónomo que por muitos anos decidira ele as ementas, até que algures nos anos de 1980 o retiraram da cozinha porque, julgo eu, já não havia necessidade das panelas mastodônticas. Como seminarista, conheci-o agreste, mas nós éramos perfiladamente muito ariscos; como prior dele, simpático e até doce o senti, embora sempre muito *senhor do seu nariz*. Era muito resistente à dor, como eu nunca vi igual. Um dia pediu-me que lhe cortasse uma unha do dedo grande do pé, já não sei qual. Quando retirou a meia propus-lhe levá-lo ao hospital, porque o encravamento me parecia urgir bisturi e mão segura de cirurgião. Negou-se e negou-se e negou-se – que tinha de ser eu, que era o prior. Fui. Vi-me sem faca nem alguidar, apenas com uma tesoura de cortar papel bastante romba e outra pequenina meia curva. Invoquei as horas da minha mãe quando nos cuidava das mazelas e, confiado, fiz como ela fazia. E cortei a unha, e desencravei-a sob um jorro de sangue. E limei-a procurando que não voltasse a encravar e curei-a o melhor que pude

e soube e vigiei-a por semanas a fio. Durante a operação não disse nem ai nem ui, foi falando sem se queixar, sem retirar o pé, sem que a voz lhe tremesse ou sufocasse, mas obviamente eu magoava-o. Mas assim era ele.

Assim, no meu tempo, eram os irmãos leigos: bastante humildes de condição, mesmo que porventura algo orgulhosos de fundo, forma e feitio. O último que conheci, o Domingos, também era do lado das *nicas*, mas em casa mandava mais que um Provincial, e não apenas na sua cela.

Muito gostaria de aqui poder falar do Venerável irmão Lourenço da Ressurreição, francês, falecido em Paris, em 1661, com fama de santidade e de zeloso condutor de almas. Mas talvez não haja espaço.

O que mais quererei aqui dizer, enunciei-o acima: falar dos irmãos leigos de ao tempo de São João da Cruz e de como eles foram fundamentais para o triunfo da vivência carismática da nossa Descalcez. A isso agora vou, visto encontrar toda a conveniência em evidenciar o trato do Santo Padre para com estas pessoas humildes. Olhando-os a eles, isto é, àqueles que conviveram com o padre João da Cruz, também veremos melhor quem ele era.

**3.** Regra geral os irmãos leigos provinham de famílias e meios humildes. Mas não eram desprovidos nem tontos. Não estudavam teologia, é certo, nem eram ordenados sacerdotes. Mas necessário é dizer que o nosso nome oficial dentro da Igreja é de *Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo*. Irmãos! Ordenados ou não, somos todos irmãos.

Desde a primeira hora da nossa Descalcez, os irmãos vivem em comunidade com os padres e os estudantes, porque todos irmãos, afinal. No primeiro convento, o de Duruelo (finais de novembro de 1568), entre os dois padres, António e João, está o irmão leigo José. O padre João da Cruz beneficiará muito da sua presença e do seu carinho, muito para além do que representavam como força de mão de obra. Aliás, não conheço estudo, mas atrevo-me a redizê-lo, todas as primeiras fundações dos carmelitas descalços eram constituídas por irmãos leigos. Sim, a sua presença era valiosa enquanto força de trabalho, mas era mais que isso: era carismática. E que quero dizer com isto? Que a sua presença naquelas comunidades evidenciava a dimensão da pobreza, da simplicidade, do trabalho laborioso e da fraternidade que se estava em vias de restaurar – não vinham para um campo de férias, mas para viverem como irmãos de Cristo pobre! Ah, e se eram irmão de Cristo pobre, o padre João da Cruz tinha por eles uma proximidade e predileção de eleição!

Os irmãos leigos provinham de famílias e meios humildes. Mas não eram desprovidos nem tontos. Não estudavam teologia, é certo, nem eram ordenados sacerdotes. Mas necessário é dizer que o nosso nome oficial dentro da Igreja é de *Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo*. Irmãos! Ordenados ou não, somos todos irmãos.

Como não eram nem homens dos sacramentos, nem se dedicavam ao estudo teológico académico, ocupavam-se nos trabalhos, nos muitos ofícios manuais que um convento propõe e precisa – portaria, cozinha, sacristia, carpintaria, encadernação, agricultura, sapataria, barbearia... e outros tantos, como sair a pedir, construir ou reconstruir a casa! –, e alegravam a comunidade com a sua presença e idêntica consagração. E se espiritual e carismáticamente não eram mais que ninguém, também não eram menos – aliás, apesar de não pertencerem à sacra hierarquia, em nada saíam diminuídos na vida fraterna. De facto, ainda hoje, não são os estudos de filosofia e teologia que nos definem ou fazem melhores homens e melhores irmãos! Afinal, até Deus trabalhou como carpinteiro (alguns dizem que como *catxarreiro*, que é como quem diz: era homem de sete ofícios (outro *pião das nicas!*) – disso se haveriam de lembrar eles, quero eu pensar –.

Reforço: desde o início da nossa fundação, entre nós, carmelitas descalços, os irmãos leigos não eram nem menos nem mais que ninguém. Eram irmãos, chamados como todos, à contemplação, como todos, à santidade pelo caminho da oração, da abnegação e da vida fraterna – oh, que belo modo de fazer santos!

São João da Cruz amava os irmãos leigos! Como se verá. E não só os amava, caminhava lado a lado com eles, e com eles, descalço, trabalhava ombro com ombro.

Quem algo já leu sobre a construção do convento de São João da Cruz, em Segóvia, que o próprio riscou, rasgou e assentou pedra em pós pedra, sabe que o padre João não tinha jeito de capataz, nem cruzava os braços ou metia as mãos nos bolsos. Não. Não, não! Os seus pés descalços pisavam o mesmo solo e cascalho que pisavam os pés descalços dos irmãos leigos. E as suas mãos de prior faziam tombar e cantar e erguer as mesmas pedras que eles – e é por isso que eu quando vou a Segóvia, jovioso vou visitar essas pedras gémeas, lavradas por mãos fraternas, sem punhos de renda!

A alegria e empenho das comunidades do padre João da Cruz vinham daí: o prior era *primus inter pares*, o primeiro trabalhador entre tantos. Ele que era poeta, pregador, confessor e estudioso, era, enfim, também o primeiro trabalhador nos trabalhos humildes, fosse na cozinha, fosse nas obras. E é deste exemplar primeirício serviço que nasce a sua autoridade, jamais do facto de ser sacerdote e prior!

A verdade, é que para bem ver são precisos mais que dois olhos; e o padre João tinha esse olhar puro! Tanto respeitava ele os irmãos leigos que os tratava como iguais, e por nada mais, senão que eles significavam para si a verdadeira maestria da humildade, da mansidão e pobreza evangélicas, pois lhe recordavam eles a serena, confiada e humilde laboriosidade de São José na oficina de Nazaré. Por essa razão, quando nos nossos começos foi ele responsável de comunidades, cuidava com particular atenção destes irmãos mais simples: jamais os sobrecarregava,

nunca lhes entregava trabalhos desnecessários, cuidava-lhes pessoalmente da saúde, e primeireava a harmonia entre trabalho manual e oração. O seu entendimento era este: jamais o trabalho se pode instaurar como obstáculo à oração e à contemplação; mas ao contrário: o trabalho obediente e amoroso decorre da oração contemplativa – eis quanto São João da Cruz propunha aos seus religiosos mais simples!

A verdade é que a presença dos irmãos leigos recordava – e recorda; feliz, por isso, quem ainda os tem! – que a família dos carmelitas descalços não se sustenta sobre discursos intelectuais, mesmo os de primeira água espiritual, mas sobre a fidelidade diária às pequenas coisas, aos pequenos pormenores, inclusive às pequenas atenções e delicadezas. De facto, a presença dos irmãos leigos na comunidade recorda-nos – e nisso eles são modelos e mestres até dos doutores em teologia – essa inadiável e inultrapassável e sempre desejável fidelidade ao pequenino e esmiuçado da vida. E o que é mais, sem que me tome eu por doutor, a vida anónima e escondida dos pequeninos das comunidades volve-se e deve ser vista como o coração do Evangelho: Deus fez-se homem, porque ama e se compraz nos humildes e nos simples.

Por conseguinte, o padre João da Cruz, enquanto prior, ele que é também poeta e mestre espiritual, sabia abaixar-se e adequar com maestria a sua linguagem teológica e espiritual à simplicidade daqueles irmãos pequeninos. Por isso, com frequência as suas exortações deitavam mão de belas imagens bíblicas, recorriam a comparações subtraídas da vida diária, da beleza da natureza e sempre, sempre, fazia apelo à pureza de intenção. Deste modo exemplar prova-nos – e quão necessário isso hoje é – que a experiência mística não se encontra reservada a um grupo de eleitos que sabem ler latim, grego e hebraico, mas que antes se encontra escancarada a quantos se deixam transformar pelo amor de Deus!

Atrevo-me, pois, a dizer, em forma de síntese: felizes de nós, carmelitas descalços, que temos o pai que temos: poeta, irmão, sacerdote, missionário operário, tanto da pedra como da palavra escrita e falada. E santo. A verdade, é que assim costumam ser os pais! Mas também é verdade que: ou, gentil, ele soube aprender dos irmãos leigos, ou, perspicaz e sábio, soube dar-lhes lugar e voz, para que nos ensinassem a nós, os de hoje. (Ou as duas, o que bem pode e deve ser verdade!) Pelo que me pergunto: é ou não verdade que, ainda hoje, a simplicidade é um dos pilares mais estimados da nossa irmandade? E mais ousado: e quanto do caminho do «*nada, nada, nada*» joãocruciano, quanto daquele despojamento interior, como forma de liberdade perante tudo o que não seja Deus, aprendeu ele daqueles benditos irmãos pequeninos, como tanto aprendeu ele de sua mãe Catarina?

São João da Cruz amava os irmãos leigos! Como se verá. E não só os amava, caminhava lado a lado com eles, e com eles, descalço, trabalhava ombro com ombro.

Os pequeninos e os pobres são nossos mestres, lembremo-nos sempre.

4. Como é de meu gosto, sempre que sei e posso, transporto para estes carreiros de linhas algumas estórias que comprovem a *doutrina* do que atrás fique dito.

Por exemplo, no tempo da construção do convento de Segóvia existem vários episódios sobre o respeito que os irmãos pequeninos têm pelo seu prior, e outros que falam da ternura do padre João vertida em favor dos irmãos leigos. Existe um episódio que exemplifica bem isso: por certa altura vários dos pequenos irmãos que trabalhavam como peões e artistas da obra adoeceram; por indicação de frei João da Cruz, prior, o irmão Alberto da Mãe de Deus, cozinheiro, preparou-lhes uma refeição algo mais delicada – eles mereciam e a situação impunha. Porém, ao ser servida, querendo evitar murmurações e preconceitos, o prior explicou publicamente a toda a comunidade que o delicado repasto se justificava por ser um acto de justa e necessária caridade, pelo que ninguém – em tempos de tantas mortificações e austeridades – se deveria escandalizar ou mal-interpretar. E como devemos interpretar nós, então, este episódio? Diz-nos ele que se o Santo se preocupava com a dignidade espiritual dos irmãos leigos, não se esquecia de, se necessário, lhes restabelecer as forças físicas, mesmo recorrendo a mimos extraordinários!

Creio que aqui bem se deve relevar a fidelidade – que para não cair em infravaloração, não direi que era canina... – dos irmãos leigos ao padre João da Cruz. Ele amava-os, certamente; e eu tenho por certo que eles o sabiam e lho devolviam com inteireza; veja-se:

Frei Gaspar, mestre canteiro, e frei Alonso de Jesus, artista pedreiro de primeira, trabalharam na obra durante muitos anos, poupando, dessa forma, fartos ducados à comunidade. Como não haveria de os estimar, portanto?

Já o irmão donado com o mesmo nome do prior, frei João da Cruz, ficou conhecido por amar tanto aquela construção que todos os dias se levantava ainda a madrugada ia alta; e a razão era uma só: antes que amanhecesse já ele dispusera todas as ferramentas, de modo que ao se chegarem os operários externos, já uma boa parte do seu trabalho fora adiantada. Era um trabalho discreto e silencioso como constante, mas o seu valor ficou memorável pelo que significava de virtude e de entrega total à causa! Quem, pois, seria o tonto, que desprezasse um colaborador destes? – O padre João da Cruz não, certamente.

Vale bem a pena encerrar com estórias do irmão Martinho da Assunção, ele que, regalado, acompanhou o padre João da Cruz por milhares e milhares de quilómetros e com ele partilhou o silêncio do mesmo claustro em várias fundações. Frei Martinho é, por isso, uma testemunha de eleição. É um sabe tudo e, também, alguém que sabe calar-se e reservar-se. Afinal ele foi uma sombra fiel. Não foi

jamais um coadjutor, mas um verdadeiro companheiro de vida e de missão, profundamente formatado pelo exemplo de vida santa do padre João da Cruz.

5. – *Conta-nos, pois, estórias, frei Martinho!* – lhe roguei.  
– *Aqui vão elas!* – Apressado, logo ele me contestou.  
– *Se eu puder dizer que amei um homem, direi que amei o padre João da Cruz. Digo-o sem medo, porque o amei no sentido em que o admirei em sua simplicidade, na sua alta sabedoria e confiança em Deus, na sua justiça verdadeira, jamais acomodada. Contarei aos teus leitores, frei João, um facto ou ordem com que, em certo dia, o padre João da Cruz me surpreendeu:*

Certa vez mandou-me conduzir, por muitas léguas, até Sevilha, sete noviços e um irmão donado. E sabes qual foi o meu espanto: e não é que me mandou partir sem dinheiro nem provisões? E olha que éramos nove bocas e dezoito pés a caminhar por muitas léguas, meu Deus do céu! E ainda levávamos uma alimária connosco!

Quando lho fiz notar, colocou-me ele a mão direita sobre o ombro, e disse-me com uma tal serenidade, que eu jamais duvidei do Santo:

– Irmão Martinho, me disse, confie apenas na providência de Deus! E se acaso vai mais confiante leve dois ou três fanicos de pão e algumas romãs. Mas verás que não precisarão deles!

Pois fica sabendo uma coisa, frei João, ao longo do longo caminho a hospitalidade das pessoas manifestou-se nos sempre de forma tão inesperada como eloquente, que em nós mais nos fez aumentar o fervor ao padre João da Cruz, e mais amar a vida de inteira pobreza dos carmelitas descalços!

6. – *E tenho outra mais, frei João.*

– *Conta-ma, por favor, frei Martinho* – ao instante lhe reclamei.

– *Em certa fundação, eu, os restantes irmãos leigos e alguns operários, seguindo instruções do padre João da Cruz, adaptávamos uma casa de família para nosso convento. Imaginás que seguir tais indicações significa segui-las à risca!*

*Segue-se: ora sucedeu que certa parede se apresentava mal projectada e erguida, pelo que oferecia uma inclinação assustadora. O padre João mandou derrubá-la, e nós, irmãos e alguns operários, logo ajustamos a melhor maneira de a deitar abaixo. Estávamos a ensaiar como fazer, quando, de surpresa, ela se despencou sem apelo nem notícia prévia, e sepultou o nosso padre João! Imaginás o nosso medo, mas, sobretudo, a consternação de todos, ao ver que acabáramos de sepultar o Santo! E é que todos o dávamos por morto, de forma que não havia quem não o lamentasse, que muitos vi eu que choravam como meninos! Mas não ficámos parados! Logo deitámos mãos à obra: um retirou uma pedra; outro, outra; três ou quatro, um tabique; outros, outro; e retirou-se*

Se o Santo se preocupava com a dignidade espiritual dos irmãos leigos, não se esquecia de, se necessário, lhes restabelecer as forças físicas, mesmo recorrendo a mimos extraordinários!

entulho daqui e dali, e ó sorte do céu, que quem anda com Deus até o vento lhe ajunta a lenha! E não é que o achámos ileso e sereno e a rir-se, acororado sob aquele montalhão de entulheira?!

– Tu não me digas isso, frei Martinho!

– É o que te digo-te, é o que te digo, frei João! E olha mais isto: é que entre nós, os irmãos leigos, se pudéramos, preferiríamos todos trabalhar mais duas horas ao dia, a fim de dispensarmos da luta o nosso prior; e se necessário fora perderíamos mil vezes a nossa vida, a ter de lesar uma mão ou um dedo que fosse, ao nosso Santo Padre João da Cruz!

A verdade é só uma, frei João, São João da Cruz partilhava os riscos e fadigas de cada um de nós, seus irmãos, até mesmo dos irmãos mais simples da comunidade; ora, pois, como não haveria ele de ser muito amado por nós? Pudera! Claro que era, porque ele era como nós!

**7.** Deveras estes homens simples e trabalhadores têm de ser muito amados e reconhecidos, ainda hoje, por nós, descalços do século XXI. Eles foram os companheiros preferidos de São João da Cruz! Sem a sua lhaneza a fundação da nossa Ordem não seria igual! A sua simplicidade, laboriosidade, o seu silêncio e profunda oração, ainda hoje são oiro e tesoiro para nós, homens da tecnocracia e da internética. Tal como nossos avoengos de sangue, em seu discreto e silencioso labor, também eles nos ensinam o valor da palavra moderada, a afoiteza de sustentar de comunidades com muito pouco, o esmero do trabalho com alegria, do confiar na Providência, da fidelidade à oração – pois assim se singularizou também a nossa identidade e carisma, no contexto da Igreja universal.

**8.** Muito há a aprender com São João da Cruz que tanto os estimava, a ponto de reconhecer naqueles pequenos irmãos a fecundidade e grandeza humana e, pelo seu denodado *trabalhar e calar*, o seu fiel e generoso contributo para a definição do nosso andamento comunitário pela história fora. Tratava-os ele como irmãos – desculpem se me repito –, porque o eram de facto, e porque lhe eram próximos; embora não se apresentassem com envergadura de sábios, eram zelosos e, sobretudo, humildemente comprometidos com a comunidade. Sem dúvida que sem eles a marcha da nossa história não seria igual. São João da Cruz sabia-o bem, pois com eles palmilhou e compartilhou riscos e sobressaltos por tantíssimos quilómetros à intempérie; com eles, sem se distinguir, partilhou a profunda austeridade da Descalcez; com eles sofreu inclemências e inseguranças e, sobretudo, as inquietações e desassossegos dos inícios, tão típicos de quem, ao fim do dia, apenas tem uma panela fanada e nada para lá meter.

E ao revés, há que redizê-lo, mais que por outros, o Santo mais amado foi por esses homens humildes, que

o souberam aceitar como um igual, e porque, sem filtros nem mediações, viram e testemunharam a fecundidade e as riquezas de seu paterno coração e o seu profundo amor a Cristo e à Igreja!

**9.** Há umas linhas atrás evoquei a figura do pequenino irmão carmelita descalço francês, o Venerável Irmão Lourenço da Ressurreição. E apontei que lá mais para o final – algures por aqui onde agora estamos – algo poderia sobre ele dizer. Mas não direi, porque o que fica dito sobre os irmãos leigos já muito é. Porém, nem tudo deveirei sonegar-te, leitor, leitora, porque nos inícios de dezembro de 2025, estando de regresso ao Vaticano, vindo da sua peregrinação ao país dos grandes cedros, o Líbano, o Papa Leão XIV, como que de improviso a ele se referiu, dizendo que «a sua forma simples de rezar me acompanhou nos meus anos mais difíceis, incluindo nos dias de missão no Peru, aos tempos do terrorismo»; e acrescentou: «pela leitura do livro *Prática Da Presença de Deus do Venerável Lourenço da Ressurreição descobri Deus presente no meio das tarefas mais humildes e aparentemente menos espirituais, porque a sua ermida de oração não estava num retiro escondido, mas no interior do seu coração*».

**10.** Finalizando, parece-me oportuno concluir com o relato dum especial abraço de frei João da Cruz. Aceita-o, leitor, leitora, como se fosses tu o abraçado.

Sem o suspeitar, está, frei João, em seus dias finais, e acaba de chegar ao eremitério de La Peñuela. Já conhece a comunidade desde há anos pelo que, à sua chegada, logo se apercebe que ali falta o irmão hortelão, frei João da Mãe de Deus. E pergunta por ele.

– *Levámo-lo para Baeza, gravemente doente e lá está, completamente desenganado dos médicos!* – Lhe respondem.

Frei João pede e insiste que o tragam de volta, convencido de que se curará em La Peñuela. E vão buscá-lo. Quando a Baeza chega o frade encarregado de o trazer, este diz-lhe:

– *Foi o padre João da Cruz que mandou chamá-lo e espera-o em La Peñuela!*

Ao ouvir isto, o doente arregala os olhos, recupera energias e responde:

– *Pois vamo-nos em muito boa hora!*

Põem-se a caminho e, à chegada, o padre João da Cruz dá-lhe um grande abraço e, como se neste abraço lhe tivesse dado a saúde, o irmão sente-se tão bem que, se o deixassem, iria naquele mesmo instante trabalhar para o quintal!

**11.** E finco-me aqui. Querido amigo, querida amiga, recebe um abraço grande.

Eles [os Irmãos leigos] foram os companheiros preferidos de São João da Cruz! Sem a sua lhaneza a fundação da nossa Ordem não seria igual! A sua simplicidade, laboriosidade, o seu silêncio e profunda oração, ainda hoje são oiro e tesoiro para nós, homens da tecnocracia e da internética.